Revista de Estudos Interdisciplinares

MASCULINIDADES E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: SENTIDOS (CO)PRODUZIDOS POR JOVENS ESTUDANTES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

MASCULINITIES AND PROCESSES OF SUBJECTIVATION: MEANINGS (CO)PRODUCED BY YOUNG STUDENTS FROM THE AGRESTE REGION OF PERNAMBUCO

Recebido em: 16/04/2025
Aceito em: 29/04/2025
Publicado em: 14/05/2025

Jorge Edielson Costa Gueiros[1]
Universidade de Pernambuco

Jullyane Chagas Barboza Brasilino[2]
Universidade de Pernambuco

Resumo: À luz da Psicologia Social e do construcionismo social, este estudo analisou os sentidos sobre masculinidades que circulam entre jovens estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Teve como objetivos específicos: mapear os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades a partir das rodas de conversa com os estudantes e analisar os repertórios linguísticos vinculados às suas vivências cotidianas. De abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva construcionista, a pesquisa utilizou rodas de conversa como recurso metodológico para fomentar a (co)construção de sentidos sobre masculinidades. Os resultados foram organizados em três eixos analíticos: processos de subjetivação; efeitos da norma e rupturas com a lei. Observou-se que os jovens negociam seus processos de subjetivação, especialmente sobre o que é o masculino em relação às normas sociais e culturais, evidenciando reflexões críticas sobre os papéis de gênero. Embora discursos hegemônicos ainda estejam presentes, emergem tensionamentos e (res)significações das masculinidades, com destaque para práticas mais equitativas e respeitosas. Conclui-se que há urgência em políticas educacionais que incluam discussões sobre gênero e masculinidades na escola, contribuindo para transformações nas formas de ser homem entre jovens brasileiros.

Palavras-chave: Pesquisa Interdisciplinar; Masculinidades; Adolescentes; Educação.

Abstract: Grounded in Social Psychology and Social Constructionism, this study analyzed the meanings attributed to masculinities circulating among young male students in a public high school in the agreste region of Pernambuco, Brazil. The specific objectives were: to map the (co)produced meanings of masculinities based on conversation circles with students, and to analyze the linguistic repertoires linked to their everyday experiences. Employing a qualitative approach and anchored in a constructionist perspective, the research adopted conversation circles as a methodological device to promote the co-construction of meaning through dialogical interaction. The findings were organized into three analytical axes: processes of subjectivation, effects of the norm, and ruptures with the law. The study observed that the students negotiated their processes of subjectivation concerning masculinity in relation to prevailing social and cultural norms, demonstrating critical reflections on gender roles. Although hegemonic discourses remain present, tensions and (re)significations of masculinities are emerging, especially through more equitable and respectful practices. The study concludes with a call for urgent educational policies that incorporate discussions on gender and masculinities in schools, contributing to the transformation of what it means to be a man among young Brazilians.

[1]Aluno do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental – PPGSDS da Universidade de Pernambuco -UPE. Brasil, Pernambuco e Garanhuns. E-mail: jorge.ecosta@upe.br.
[2] Doutora em Psicologia Social. Docente da Universidade de Pernambuco – UPE. Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento Socioambiental – PPGDS. Brasil, Pernambuco e Garanhuns. E-mail: jullyane.brasilino@upe.br.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Keywords: Interdisciplinary Research; Masculinities; Adolescents; Education.

INTRODUÇÃO

Os estudos feministas na segunda metade do século XX, bem como, as reflexões sobre masculinidades, foco deste estudo, que tiveram suas primeiras pesquisas realizadas no final da década de 1980 (Lyra; Medrado, 2008), impulsionaram as discussões sobre estas temáticas em diversos espaços, mais principalmente, nas relações interpessoais e/ou institucionais. Assim, incorporadas às estas discussões, as instituições de ensino, destacamos a escola, que atua na sua função primordial que é "o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (Brasil, 1996, p. 1). O ambiente escolar, aqui entendido como *lócus* privilegiado de formação e socialização, desempenha um papel essencial na (re)produção de normas de gênero, particularmente no que diz respeito às masculinidades (Brasilino; Gueiros, 2024). Neste espaço, os processos de subjetivação são constantemente negociados e reforçados.

Isso posto, as relações de gênero impactam diretamente nas relações sociais, pois organizam a sociedade a partir das relações de poder, que demarcam os lugares que as pessoas ocupam, tendo em vista que os modos de ser e seus saberes e práticas cotidianas são implicados por essas relações (Lyra; Medrado, 2008). Dessa forma, o fator gênero acaba por sistematizar os modos de vida social das pessoas e suas relações.

Em 1995, Robert Connell, hoje, Raewyn Connell, começou a delinear um campo específico de estudos sobre masculinidades dentro dos debates de gênero. Contudo, foi apenas em 2004 que Connell, em parceria com outros pesquisadores, publicou o *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, um marco na sistematização do conhecimento sobre masculinidades. Nesse contexto, destacaram-se quatro dimensões centrais: (1) a reprodução das masculinidades na organização social; (2) a maneira como os homens compreendem as identidades de gênero; (3) as masculinidades como construções derivadas das interações sociais; e (4) suas relações com as instituições (Lyra; Medrado, 2008).

Visto isso, o presente texto debruça-se sobre estas dimensões com foco nesta sistematização e seus efeitos nas relações sociais entre jovens estudantes de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Sob essa ótica, o contato com esses jovens e a provocação acerca dos estudos sobre masculinidades pode elucidar "uma ligação entre o campo em crescimento dos estudos sobre homens, ansiedades populares sobre homens e meninos, posição feminista sobre o patriarcado e modelos sociais de gênero" (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 2), na intenção de pensar as interações sociais a partir de uma perspectiva

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

relacional de gênero, tensionando as disparidades que essas relações têm engendrado.

Partindo de uma abordagem interdisciplinar, que integra perspectivas da sociologia, educação, psicologia e estudos de gênero, permite uma compreensão mais abrangente sobre masculinidades e a produção de sentidos no ambiente escolar. Esta análise aborda a complexidade das dinâmicas de gênero e seus efeitos nos processos de subjetivação, destacando a necessidade de uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais e suas implicações na construção das masculinidades.

Logo, este trabalho, está vinculado ao projeto guarda-chuva intitulado: Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas escolas: diálogos possíveis. Este desenvolvido em Garanhuns, no agreste meridional de Pernambuco, uma região marcada por dinâmicas sociais, culturais e econômicas singulares. A interiorização da pesquisa é um aspecto fundamental, pois descentraliza a produção do conhecimento científico, ampliando a compreensão sobre masculinidades para além dos grandes centros urbanos. Ao considerar as especificidades do contexto local, o estudo contribui para a construção de um saber mais diverso e situado, que dialoga com as realidades vividas pelos jovens da região. Assim, a pesquisa não apenas fortalece o campo dos estudos de gênero e masculinidades, mas também fomenta práticas acadêmicas mais inclusivas e comprometidas com as demandas de territórios historicamente menos explorados pela ciência.

Dessa forma, o presente estudo tem como pergunta disparadora: Quais os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades entre jovens do sexo masculino em uma escola pública estadual do agreste pernambucano impactam nas suas interações sociais e experiências pessoais? Já o objetivo geral foi analisar os sentidos sobre masculinidades que circulam entre os jovens estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Tendo como objetivos específicos: mapear quais os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades a partir das conversas com os jovens; e analisar os diferentes repertórios linguísticos sobre masculinidades a partir das vivências dos estudantes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, adotou uma abordagem fundamentada no construcionismo social, priorizando a compreensão das práticas sociais e os sentidos (co)produzidos nas interações, tendo as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano, como mote central para a análise desses discursos (Spink, 2013). Ao invés de quantificar dados, busca-se explorar as singularidades das narrativas e dos sentidos atribuídos

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

às masculinidades no contexto escolar, considerando que os significados são construídos e negociados socialmente (Minayo, 2001). Nessa perspectiva, a pesquisa não objetiva apenas descrever realidades, mas compreender junto aos adolescentes que interpretam e (re)produzem discursos sobre masculinidades no ambiente escolar. Como destaca Spink (2010), a produção do conhecimento ocorre por meio das interações e práticas sociais, tornando a investigação um processo dialógico e coletivo, no qual os participantes também atuam como coautores da construção dos sentidos analisados.

Ademais, conforme dito anteriormente, a presente pesquisa está ligada ao projeto guarda-chuva intitulada "Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis", que foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Pernambuco - UPE e aprovada com CAAE: 73164323.0.0000.0128, parecer: 6.454.374.

Para o levantamento bibliográfico utilizamos a busca de estudos sobre a nossa temática, nas plataformas Biblioteca Virtual em Saúde - BVS; Scielo; Periódicos Eletrônicos em Psicologia - *PEP*sic, e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), elegemos para a busca bibliográfica os descritores "masculinidades"; "Adolescentes"; "Homens", "Saúde" e "Escola". A partir dessa pesquisa foi feito um filtro do ano de 2018 a 2023, e encontramos 53 resultados ao todo. Sendo estes, 4 da BVS; 2 (repetidos) no Scielo; 14 na *PEP*sic; e por fim, 33 textos da BDTD.

Para a seleção final dos textos, utilizamos os seguintes critérios: ler todos os resumos e identificar pontos de intersecção desses com a pesquisa que tem como temas centrais masculinidades e processos de subjetivação. Na etapa seguinte, foi realizada a triagem e selecionamos 10 textos para a leitura integral, que tinham ligação direta com o estudo em questão.

Outro fator importante, foi a escolha da escola na qual foi realizada a pesquisa. Priorizamos a que menos tivemos contato anteriormente. A Escola de Referência em Ensino Médio, em 2023 (ano da realização das observações e da roda de conversa), contava com a seguinte estrutura: 12 salas de aulas atuando apenas com a modalidade Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, sendo essas 4 para os primeiros anos, 4 para os segundos anos, 3 para os terceiros e uma biblioteca; uma quadra poliesportiva; 2 laboratórios, sendo 1 de ciências e o outro de informática; 1 pátio que serve também de refeitório, pois a escola não dispõe de um; 1 cozinha; 1 sala para coordenação; 1 sala da gestão; 1 secretaria; 1 sala dos professores e 4 banheiros, sendo 2 masculinos e 2 femininos (dois desses são exclusivos para os professores), e por fim, a escola tem uma área verde.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Antes de tudo, fomos fazer uma visita à instituição com o intuito observar *no* cotidiano da escola, o lugar que os adolescentes convivem, horários das aulas, intervalos e espaços de convivência dentro desse contexto (Batista; Bernardes; Menegon, 2014). Apresentamos a proposta da pesquisa e a carta de anuência autorizada pela Gerência Regional de Educação do Agreste Meridional -GRE/AM. Documento essencial para o desenvolvimento da pesquisa.

Na ocasião, explicamos que o contato com os jovens seria a partir de rodas de conversa e a importância dos estudantes saberem um pouco sobre a temática das rodas e seus objetivos. Entretanto, foi falado das complicações que poderiam vir acontecer para essa execução, uma vez que já era final do ano letivo (2023) e naquele mês específico (novembro) iria acontecer a aplicação das provas externas SAEB (Sistema de Avaliação Educacional Brasileiro) e o SAEPE (Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco). Além disso, a escola vivenciava um projeto, que acontece anualmente, no qual mobiliza toda a comunidade escolar. Após conversarmos, acordamos dias para dialogar com os estudantes de maneira informal, falar um pouco sobre a pesquisa e a entrega dos documentos de autorização dos responsáveis pelos adolescentes interessados (TCLE, TALE e Uso de Mídias) em participar de maneira voluntária.

Estes encontros iniciais desempenharam um papel fundamental na familiarização com o ambiente escolar, fato que permitiu o diálogo com a comunidade e a compreensão das dinâmicas que permeiam as interações entre os participantes. Essa aproximação possibilitou uma imersão na rotina do espaço, o que favoreceu a observação *no* cotidiano e a construção de uma relação entre pesquisadores, participantes e o contexto investigado (Brasilino; Gueiros, 2024).

Outro passo relevante para esta construção foi o registro de todas as etapas do estudo nos diários de pesquisa. Para Medrado, Spink e Méllo (2014), estes escritos são práticas discursivas que (co)constroem sentidos, tendo a linguagem como ação. Nesse sentido, a elaboração do diário configura-se como uma estratégia essencial para uma análise detalhada das narrativas dos estudantes, garantindo a confidencialidade das conversas registradas ao longo da pesquisa (Brasilino; Gueiros, 2024). Esse processo ocorreu em um ambiente reservado, sem interferências externas, assegurado tanto pela escola quanto pelos pesquisadores, o que garantiu um espaço seguro e ético para a construção e interpretação dos relatos.

Ao todo, foram realizadas oito visitas à escola desde o primeiro encontro, explicações sobre a pesquisa e a importância das assinaturas dos documentos de cunho ético até as rodas de conversas acontecerem. Nessa perspectiva, esses momentos de troca foram concebidos como

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

um espaço de interação coletiva, no qual os participantes se reuniram em círculo para compartilhar experiências e reflexões sobre a temática proposta, promovendo uma troca colaborativa de ideias. Segundo Rasera (2020), esse formato favorece um ambiente acolhedor, estimula a equidade entre os envolvidos – possibilitada pela disposição circular e horizontal do grupo –, além de incentivar o respeito mútuo e a escuta ativa, fundamentais para a co-construção das narrativas.

A roda de conversa analisada neste estudo foi conduzida por um dos autores, em parceria com a pesquisadora Maria Isabel Cavalcante Almeida, ambos integrantes da pesquisa guarda-chuva "Gênero, Diversidade Sexual e Saúde nas Escolas: diálogos possíveis". O encontro, realizado na biblioteca da escola, contou com a participação de 14 estudantes e teve duração de uma hora e cinquenta e sete minutos. Para registro e posterior análise, a conversa foi gravada em áudio e transcrita por meio dos *smartphones* dos pesquisadores, com anotações complementares feitas durante a atividade. Todo o material coletado foi armazenado no *notebook* da pesquisadora principal e será devidamente descartado após a finalização do tratamento dos dados da pesquisa maior, primando pela privacidade dos participantes.

Para garantir o rigor ético da pesquisa, foi necessária a utilização de documentos formais para a realização das rodas de conversa com os estudantes. Um desses documentos foi o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalha os procedimentos e objetivos do estudo, solicita a assinatura dos pais ou responsáveis para assegurar sua ciência e a participação voluntária dos adolescentes. Além disso, foi utilizado um termo específico para o uso de mídias, o que considerava que as rodas de conversa foram gravadas e transcritas, sendo indispensável a autorização para o uso da análise das falas para fins de pesquisa.

Esses procedimentos estão respaldados pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que estabelece que todas as pesquisas envolvendo seres humanos devem ser aprovadas por um Comitê de Ética em Pesquisa. Além disso, determina que os participantes – ou seus responsáveis, no caso de menores de idade – assinem o TCLE, sendo fundamental que o pesquisador leia e explique o documento, garantindo também a entrega de uma cópia para cada envolvido (Brigagão *et al*., 2014).

Dado que os participantes do estudo eram jovens menores de 18 anos, foi também utilizado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), apresentado diretamente a eles como um instrumento para respeitar sua autonomia e garantir que compreendessem os objetivos e possíveis implicações da pesquisa (Novoa, 2014). O TALE foi elaborado de forma acessível, que teve o intuito de esclarecer os procedimentos e ressaltar o direito dos adolescentes de se

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

retirarem do estudo a qualquer momento.

Por fim, além da assinatura dos responsáveis, os próprios adolescentes também assinaram o termo de uso de mídias, confirmando sua ciência de que suas falas seriam gravadas em áudio ao longo das rodas de conversa, e posteriormente, transcritas. A adoção desses documentos não apenas garantiu o cumprimento das normas éticas, mas também contribuiu para a confiabilidade e qualidade dos dados, uma vez que os participantes, compreenderam plenamente sua participação, sentiram-se mais seguros e engajados no processo.

Ainda no tocante ao rigor ético e metodológico do estudo, destacamos que a Psicologia Social, especialmente sob a perspectiva do construcionismo social, enfrenta o desafio de legitimar a observação cotidiana como método científico, valorizando a produção do conhecimento a partir das interações e práticas discursivas que constroem a realidade. Dentro dessa abordagem, caminhar pelas ruas, sentar em cafés e dialogar com diferentes pessoas não são apenas práticas descritivas, mas formas de compreender como significados são (co)produzidos socialmente (Brasilino; Gueiros, 2024). No entanto, persuadir a comunidade científica e o público da validade desses métodos exige um debate contínuo sobre seu rigor e relevância.

Como destaca Spink (2008), os estudos qualitativos na Psicologia Social, ao se apoiarem em experiências e interpretações subjetivas, demandam um olhar reflexivo sobre a construção do conhecimento. Dessa forma, ao adotar uma postura colaborativa e dialógica, o construcionismo social fortalece a Psicologia Social como um campo científico comprometido com a análise crítica das dinâmicas sociais e dos modos pelos quais os sujeitos se constituem em suas interações cotidianas.

Para a condução da roda de conversa, foram utilizados diversos recursos e técnicas grupais, como a construção de um contrato inicial, estratégias de apresentação para promover a integração do grupo (quebra-gelo), além do uso de materiais audiovisuais como estímulo para a discussão – especificamente o vídeo *Minha vida de João*, do Instituto Papai com diversas instituições brasileiras e internacionais. Além disso, os participantes foram incentivados a realizar colagens relacionadas à temática abordada. O planejamento dos encontros grupais foi embasado nos estudos de Emerson Rasera (2020), que destaca as contribuições do construcionismo social para a condução de grupos e os impactos dessa abordagem nas interações entre os participantes.

As rodas de conversa representam uma oportunidade para que os adolescentes compartilhem diferentes perspectivas, experiências e saberes, favorecendo a construção de

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

novas formas de interpretar o mundo e de atuar de maneira colaborativa e participativa. De acordo com Rasera (2020), no contexto do construcionismo social, o trabalho em grupo desempenha um papel central na construção da realidade. Por meio da interação e do discurso compartilhado, o grupo se torna um espaço de co-construção de narrativas, negociação de significados e constituição de identidades. Essa dinâmica valoriza a pluralidade de vozes e a corresponsabilidade na busca de soluções para os desafios da coletividade.

Assim, o grupo configura-se como um ambiente propício à reflexão crítica, à transformação social e ao fortalecimento de uma democracia mais participativa e inclusiva. Dessa maneira, a atuação coletiva, fundamentada no construcionismo social, amplia o potencial de colaboração e engajamento na construção de mudanças significativas na sociedade. Sob esse viés, a roda de conversa representou uma oportunidade para que os estudantes compartilhassem diferentes perspectivas, experiências e saberes, o que favoreceu a construção de novas formas de interpretar o mundo e de atuar de maneira colaborativa e participativa.

Para a sistematização das transcrições, foi construído um quadro, como mapa de associação de ideias. Partindo do estudo de Mary Jane Spink (2013), esses organizam e sistematizam os diferentes elementos da pesquisa. A construção linguística, os repertórios e a dialogia se unem em uma composição de interpretação e produção de sentidos, por meio da análise das práticas discursivas. De acordo com a autora, esses instrumentos contêm duplo objetivo, que são: “dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo” (Spink, 2013, p. 107).

ANÁLISE DOS DADOS

Doravante, a roda de conversa pretendeu analisar os sentidos sobre masculinidades que circulam entre os jovens estudantes do sexo masculino de uma escola pública estadual do agreste pernambucano. Além disso, buscou-se mapear, quais os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades a partir das conversas com os jovens; e analisar os diferentes repertórios linguísticos sobre masculinidades a partir das vivências dos estudantes.

É fundamental destacar o posicionamento que ocupamos nesse cenário. Um dos facilitadores da roda de conversa é pesquisador, homem cisgênero, pardo, oriundo do interior, professor há 12 anos e universitário. A outra mediadora, Maria Isabel, é uma mulher cisgênero, parda, também do interior, universitária e pesquisadora. Sua presença chamou atenção dos participantes devido ao fato de usar, na ocasião, o cabelo raspado. Ressaltamos esses aspectos porque nossas performances de gênero e formas de existência no mundo influenciam

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

diretamente os processos de construção de sentidos junto aos adolescentes com os quais estávamos conversando sobre a temática da pesquisa. Isso se dá pelo caráter dialógico da interação, em que as enunciações e vozes se entrecruzam e se afetam mutuamente na construção de significados dentro das práticas discursivas (Spink; Medrado, 2013).

Dito isso, é importante abordar a organização física do espaço escolar. A biblioteca foi escolhida para a realização da roda de conversa, o que exigiu a realocação dos funcionários para a sala dos professores. Esse remanejamento gerou certo desconforto para a equipe escolar, pois a biblioteca é o local de trabalho desses profissionais, e a instituição não tem outros ambientes adequados para esse tipo de atividade.

A disposição do espaço foi planejada para favorecer a horizontalidade do diálogo. As cadeiras foram organizadas em círculo, permitindo que todos os adolescentes pudessem ouvir e ser ouvidos. Essa estrutura se alinha à perspectiva do construcionismo social, que compreende o conhecimento como um processo de co-construção, emergindo a partir das interações e trocas entre os participantes (Rasera, 2020). Assim, a biblioteca foi configurada conforme os princípios dessa abordagem teórica, reforçando a ideia de um conhecimento produzido coletivamente.

Isto posto, os relatos a seguir foram organizados numa categoria, a partir dos repertórios interpretativos - práticas discursivas que são compostas por termos, descrições e figuras de linguagem, delimitando as opções de construção discursiva com base no contexto e nos estilos gramaticais específicos (Spink; Medrado, 2013), produzidos a partir das rodas de conversa. Com o intuito de contemplar os objetivos específicos, organizamos da seguinte forma: **(Co)produção de sentidos sobre masculinidades;** e para esta categoria foram associadas subcategorias, com fragmentos das rodas de conversas, que são elas: **Processos de subjetivação, Efeitos da Norma** e **Rupturas e tensionamentos com a Lei;** A fim de garantir o sigilo dos participantes foi perguntado qual seria o nome que cada jovem gostaria de ser chamado na escrita desse estudo, dessa forma todos os nomes são fictícios.

(CO)PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE MASCULINIDADES

Os estudos de Spink e Medrado (2013) apresentam a produção de sentidos como uma prática social, que se constrói a partir do diálogo, portanto, tendo a linguagem como agente condutor desta constituição. Assim, a produção de sentidos é um acontecimento que os autores chamam de sociolinguístico, pois "[...] o uso da linguagem sustenta as práticas sociais geradoras de sentido – e busca entender tanto as práticas discursivas que atravessam o

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

cotidiano [...], como os repertórios utilizados nessas produções discursivas" (Spink; Medrado, 2013, p. 23).

Dessa forma, entende-se que os discursos dos adolescentes nas rodas de conversa produzem sentidos dos mais diversos partindo dessa perspectiva sociolinguística. Pois, é a partir do uso da linguagem que eles geram sentidos sobre sua masculinidade à luz das suas vivências sociais e narrativas de vida. Não obstante, foi possível identificar a (re)produção de discursos que mantêm as práticas sociais hegemônicas vividas nas práticas cotidianas dos jovens. De acordo com estas informações, conforme dito anteriormente, destaca-se nesta categoria, as seguintes subcategorias, entendidas aqui, como parte da produção de sentidos dos estudantes participantes sobre a temática. Sob esse viés, a seguir apresentamos a primeira subcategoria.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Brasilino (2011, p. 80) define os processos de subjetivação como "[...] práticas e processos heterogêneos que permitem aos seres humanos que se relacionam consigo mesmos e com os outros sujeitos". Assim, estes nos acompanham ao longo da vida, como exercício constante e infindável. Partindo desse pressuposto, os processos de subjetivação aparecem imbricados nos discursos dos participantes durante as rodas de conversa. Ao abordarmos os papéis de gênero, os participantes destacam a banalização do lugar das atividades domésticas, direcionadas às mulheres:

> *Buscapé: Eu acho que não necessariamente é isso, tipo, as pessoas estão acostumadas acho que eu vejo, não acho, que eu vejo muito isso, que é tipo, vou dar um exemplo: você tem você, sei lá, dois irmãos, a mãe e o pai. Geralmente quem cuida das coisas domésticas é a mãe, ela tem tipo, que subsidiar fazer esse tipo de coisa, e ninguém questiona isso ou ninguém faz alguma coisa mais. Eu vejo que é muito comum, tipo realmente mais acontece, sendo que as coisas deveriam ser divididas entre todo mundo que mora, tipo: ah, porque eu sou homem, eu não devo fazer coisa, tipo, lavar prato ou passar pano na casa como se a sociedade estivesse nos impondo isso, tipo: ah, eu trabalho você fica em casa, limpando, fazendo as coisas que você deve, tipo, é seu dever fazer isso.*
> *Jorge: Buscapé, fala dessa questão de como é naturalizado, por que vocês acham que é natural isso acontecer? Do homem ir pra rua trabalhar e a mulher ficar em casa? ou não dividir as tarefas de casa?*
> *Amón: eu acho que veio desde muito tempo já da história porque lá atrás, o mundo sabe que era os homens que saiam para trabalhar e sempre a mulher que ficava em casa cuidando dos filhos, cuidando da casa, comida. Então, acho que ainda tá como se fosse no passado ainda, não evoluiu.*
> *Augusto: Acho o instinto primitivo mesmo, né? acho que um homem né? Acho que desde da época das cavernas que ele ia pra caça e a mulher ficava em casa, ajeitando a casa e ele ia ganhar o pão de cada dia.*
> *Eric: É como se fosse um instinto natural já.*

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

> *Augusto: Isso!*
> *Jorge: Mais alguém?*
> *Prado: eu acho , tipo assim,que desde o passado, por exemplo lá em Esparta a divisão é que os homens fossem crescidos para ser guerreiros e as mulheres para ficar em casa, cuidando das coisas.*
> *Paulo: E, mesmo assim, durante toda a história a mulher sempre foi colocada, como eu posso dizer, aos pés dos homens sem muito direito de fazer nada, veio começar a ter mais direito agora, mas ainda eu vejo que não consegue balancear, não tem balanço nenhum..*

Nesse sentido, ao trazerem os dados históricos dos comportamentos da sociedade primitiva sobre os papéis de gênero é feita uma tessitura com o biológico e o social, firmando as linhas duras do que é masculino e o feminino. Esses repertórios trazem à tona, que a constituição da subjetividade passa pelas relações que unem os aspectos individuais e sociais experienciados. Sendo assim, as "nossas identidades variam segundo as posições que ocupamos nas relações sociais" (Cassiano; Furlan, 2013, p. 373). O que potencializa as falas de Eric e Baco sobre as influências das relações com amigos e consigo mesmo:

> *Jorge: E o que é que vocês pensam sobre isso?*
> *Eric: Pelo menos no meu círculo de amizade, a gente não pensa nisso, nessa parte assim: ah, não sei o que a gente tem aquela velha opinião. Ah, a gente é muito novo para arrumar um compromisso agora. Aí essa parte, aí não discordo muito, assim, porque a pessoa ainda não se conhece, aí vai meter a cara num relacionamento, sem responsabilidade quase nenhuma. Então, tipo assim, você tá muito novo. Você não tá preparado para assumir uma coisa certa.*
> *Baco.: Eu acho que é uma coisa que é de tempo de cada um, cada um tem seu tempo. Cada um tem assim a maturidade, de tipo assim, tem gente que tem como ter um relacionamento, mas tipo com tenho conhecido antes tudo mais e tem gente que infelizmente não é ter tem esse negócio ter relacionamento, porque tem uma cabeça mais estressada é uma pessoa que ver muito a opinião dos outros, essas coisas depende muito, cada um tem seu tempo.*

Aqui, podemos observar os efeitos que as relações sociais podem causar nas relações consigo mesmo. Eric, traz como seu círculo de amizade pensa sobre os pontos negativos de entrar num relacionamento na adolescência e quanto ele concorda com o grupo que ele faz parte. Já Baco, relata a importância de entender que cada pessoa tem seu tempo, sua maturidade para lidar com a esse aspecto - daí temos as nuances do social e do individual dos processos de subjetivação defendido pelos autores acima. Ao pensarmos nesses aspectos, destacamos as influências da contemporaneidade nos processos de subjetivação dos adolescentes:

> *João: Não, porque a realidade é todo mundo na academia hoje a realidade é essa!né não? Num to certo?*

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Jorge: Mas a gente consegue dar conta de tudo isso sempre? Como a gente viu lá no vídeo, né? Minha vida de João. João tinha milhares de coisas para fazer, será que dava tempo de João ir na academia?
Henrique: Dá sim
Felipe: Dá
Baco: Dá, disciplina.

Os repertórios apresentados potencializam a relação que os estudantes têm com o tempo. Tendo muita das vezes, um descolamento com a realidade do que é possível com as demandas que a contemporaneidade exige, como é o caso apresentado de haver uma necessidade de todos estarem na academia, e terem "apenas" disciplina para estarem inseridos nesse contexto. Segundo Brasilino (2011, p. 82), o processo de subjetivação é um fluxo que "em desprendimento consigo mesma, ao mesmo tempo em que é produto das determinações históricas do trabalho sobre si".

Portanto, as falas dos adolescentes trazem questionamentos acerca do lugar dos papéis de gênero na sociedade - nos lares, na estética corporal, no trabalho e na divisão de tarefas no decorrer da história da humanidade. Visto isso, a noção de processos de subjetivação nos dá suporte para uma melhor compreensão da constituição dos sujeitos em relação ao seu tempo e como vivem suas relações sociais.

> A constituição da subjetividade entendida em relação com as forças de saber e poder que perpassam determinado momento histórico abre caminho para compreender os modos de subjetivação dos sujeitos em sua relação com diferentes vetores que compõe a realidade; vetores sexuais, midiáticos, estéticos, etc (Parpinelli; Fernandes, 2011, p.197).

Assim, os adolescentes questionam o lugar que ocupam nos dias de hoje nas relações de gênero e seus papéis, pois o momento histórico os permite tensionar essas linhas duras que já estão estabelecidas historicamente. É perceptível nos repertórios que a naturalização desses papéis faz com que alguns dos participantes a atribua a um instinto natural, por se tratar de uma norma já estabelecida e engessada na sociedade na qual eles vivem. Tomando isso como base, a próxima subcategoria surge na tessitura das falas dos participantes sobre essa norma já posta pela sociedade.

EFEITOS DA NORMA

A subcategoria em questão, surge em contraponto aos tensionamentos que temos experienciado como sociedade. Fica claro nas falas dos adolescentes que há um conjunto de atribuições que são designadas ao masculino, e que estas são essenciais para

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

que ele seja considerado homem na sociedade, como uma espécie de afirmação desse lugar já ocupado por ele. Dessa forma, essas reflexões são vistas a partir dessas falas que aqui são apresentadas.

Essa foi uma das subcategorias mais presentes nos repertórios das rodas de conversa com os estudantes. Na literatura foi identificada uma polissemia acerca da temática, nos levando a buscar com mais afinco a respeito. Visto assim, os encontros tiveram como mote central as vivências do que é ser homem e todos os aspectos que envolvem essa construção. Dentro desse escopo, teorias feministas nos dizem que o gênero é uma análise cultural do sexo, ou que ele é construído socialmente. Butler (2022, p. 28) nos indaga da seguinte forma "Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação?". Pensando dessa forma, sendo o gênero uma construção social, logo, pensa-se que há um conjunto de significados que nomeiam corpos anatomicamente diferentes, e esses são inerentes a essas determinações.

Por conseguinte, no estudo são notados os atravessamentos de uma cultura de normas sociais que determinam no cotidiano o que é ser homem e quais atributos são necessários para firmar esse lugar na sociedade. "Quando a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino" (Butler, 2022, p. 29). Assim, a cultura torna-se o destino e não a visão biologicista.

No primeiro momento do encontro com os adolescentes, aconteceu um momento de apresentação deles e foi sugerida a seguinte técnica:

> *Jorge: Então, gente! Neste momento, todo mundo colocou aí o seu nome, né? Eu gostaria que vocês se apresentassem, né? Todo mundo colocou seu nome, então de forma aleatória, não precisa necessariamente a gente seguir o círculo horário ou anti horário, mas que a gente possa dizer o nome e responder a pergunta que é: O que é que homem/menino/adolescente não pode fazer? Você apresenta seu nome, certo? Você apresenta seu nome, me chamo, por exemplo, Jorge e diz o que é que menino/homem não pode fazer?*
> *Maria Isabel: Aí fala claro!*
> *Jorge: Um de cada vez! rsrs*
> *Henrique: O que um homem não pode usar/fazer?*
> *Jorge: Fazer/Usar. O que ele não pode fazer perante sociedade?*
> *Henrique: Usar maquiagem*
> *Jorge: Como é teu nome?*
> *Henrique: Henrique*
> *Jorge: Henrique - homem não pode usar maquiagem*

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

De acordo com Connell e Pearse (2015, p. 47) é denominada “estrutura” a difusão da manutenção de padrões nas relações sociais, e o gênero é compreendido nesse contexto, como uma estrutura social. A fala de Henrique deixa explícito o que essas autoras chamam de arranjos sociais, pois são nas atividades cotidianas que esse padrão se manifesta. Portanto, o gênero e suas diferenças não são “[...] uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano”.

Assim, o homem usar maquiagem é visto por Henrique como algo que não pode ser realizado, pois as relações de gênero são ligações específicas com os corpos e como estes devem se portar perante a sociedade na qual estão inseridos. No decorrer da conversa, o assunto de homem não usar maquiagem volta a ser tema:

> *Eric: pegando um pouquinho da fala de Amón, esse negócio de usar maquiagem eu acho que é construído da sua criação, dentro de casa, da sua família. Exemplo, minha família ela é muito tradicional, então eles não aceitam que o homem use brinco, que homem faça a tatuagem, que o homem não faça nada desse tipo de coisa. Tem que ser aquele homem padrão, assim, que eu acho até uma forma meio machista, que a mulher não saia para trabalhar, que a mulher tem que ficar em casa fazendo as coisas, e eles (homens) sustenta aquilo, que essa seja a estrutura, é isso.*
> *Henrique: Eu acho que acho que todo mundo aqui, já deve ter visto pelo menos uma vez em casa, que tipo homem tem que trabalhar e a mulher fica em casa fazendo as coisas, pelo menos uma vez na vida.*

Aqui, é possível vermos o termo ***“homem padrão”*** surgir, seguido da palavra ***“estrutura”*** e Henrique ratifica a fala de Eric apontando que pelo menos uma vez na casa de cada um foram vistos repertórios semelhantes, que homem precisa sair para trabalhar, sustentar a casa e a mulher fica em casa cuidando dos afazeres domésticos. Ao pensarmos nessas normas que regem as diferenças de gênero, num dado momento das apresentações surge que essas regras sociais são ensinadas a eles (adolescentes) desde muito cedo:

> *Maria Isabel: Vocês acham que tipo isso que vocês foram falando né? Dando exemplos foi, é natural ou é naturalmente ensinado? Tipo é natural ou é ensinado? Eu acho que é um paralelo legal, né? Da gente pensar.*
> *Paulo: ensinado, normalmente é ensinado. A gente cresce em uma família e a gente sempre se baseia ou no pai ou na mãe ou em quem está em volta da gente.*
> *Eric: Ah sim, como já foi dito é a família tradicional que não aceita muita mudança, a evolução. Que nem minha avó mesmo, ela não aceita nem que, assim eu sou jovem, mas eu aos 14 anos já tenho que trabalhar, queria que fosse assim tipo: Ah, não sei o quê? você é homem, você tem que sair de casa com 18 a trabalho e se sustentar sozinho. Não tem aquela questão de estudo e tudo mais.*

Segundo Connell e Pearse (2015), as normas com as quais as pessoas se relacionam transformam-se em estruturas sociais, estas se conectam no decorrer do tempo,

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

somando-se à historicidade estes corpos são levados pela sociedade num processo chamado pelas autoras de corporificação social. Quando Eric cita sua avó para falar sobre o papel masculino de prover/trabalhar, aqui podemos observar esse processo ganhando forma, pois é a partir da ideia da matriarca da família que o processo de corporificação fica evidente.

"A corporificação social envolve a conduta do indivíduo, mas também grupos, instituições e complexos de instituições" (Connell; Pearse, 2015, p. 112). Para as autoras a questão das relações de gênero é entendida como uma forma singular de corporificação, pois está atrelado a práticas sociais humanas. A singularidade parte do lugar do quão próximos são os modos sociais e corporais. Outro fator, que fica evidente nos discursos dos participantes é a naturalização da violência como prática masculina pela via biológica:

> *Jorge: A gente fica pensando nessa coisa, por exemplo, da violência, né? Por que nós, por exemplo, nós usamos mais da violência do que as mulheres?*
> *Baco: porque é instintivo!*
> *Jorge: É instintivo?!*
> *Augusto: É da natureza, né?*
> *Henrique: É a natureza do homem, né? Ser mais agressivo que as mulheres. Tem uns que são meio tiôgo [referindo-se aos homens que não agem com violência]*

Butler (2022) relata no seu estudo a expressão *performativamente* instituída, para explicitar as normas já estabelecidas e suas possíveis consequências no passar dos anos. Assim sendo, o "antes" e o "depois" da lei representam formas de temporalidade discursiva e institucionalmente estabelecidas, conservado dentro de uma estrutura normativa que sustenta que a subversão, a desestabilização ou o deslocamento requerem uma expressão sexual que, de alguma forma, evite as restrições predominantes impostas sobre a sexualidade (Butler, 2022). Ao afirmarem que é instintivo o homem ser violento caímos em uma estrutura instituída perigosa, que é o fato de todo homem ter um instinto para a violência.

Tal assunto voltou a ser pauta quando assistimos no grupo ao vídeo chamado: Minha Vida de João, produzido pelo Instituto Papai de Recife (uma ONG que defende a equidade de gênero e baseiam seus valores nas teorias feministas) e outras instituições parceiras. O vídeo em si traz basicamente a vida de João desde a infância até a vida adulta, no qual são apresentados vários momentos em que João é moldado a partir de um lápis que escreve e apaga continuamente de acordo com os preceitos de uma dada sociedade hegemônica, mudando a narrativa de João no decorrer de sua vida.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Em um dos trechos iniciais, fica evidenciado a relação dos brinquedos com as crianças, quando João pega numa boneca para brincar, o lápis apaga e desenha um revólver no lugar da boneca, e Henrique reflete a partir desse trecho:

> *Henrique: A sociedade! Toda vez tem um limite ali. Que ele não pode chorar, que ele não pode fazer aquilo, que ele tem que brigar, que não pode correr, ele não pode demonstrar sentimento por nada. Aí aparece a questão da sexualidade: ele caiu por cima de um de um um menino, aí a sociedade que meio que impôs como se tivesse errado colocou ele em cima de uma mulher.*
> *Augusto: Aquele negócio da bola também.*
> *Henrique: Da boneca, dos carros desenhando. A sociedade fala que não pode brincar de boneca, tipo brincado é basicamente (tá tá tá - sinalizando a borracha da caneta apagando e desenhando um revólver na mão do menino), ele pegando no revólver. [Narrando o vídeo Minha vida de João].*

É relatado mais uma vez aqui, a presença do revólver como ato de violência vindo do homem. Ele não pode brincar de boneca, por isso, o lápis apaga a boneca de sua mão e coloca um revólver. Dando continuidade aos comentários sobre essas normas sociais dos meninos quando crianças, é abordado o seguinte trecho do vídeo:

> *Paulo: No vídeo, uma coisa que eu vi duas vezes, não prestei atenção se teve mais, foi ele ir na na onda dos amigos, como você disse, que foi no negócio do gato, que aí tacar a pedra, que basicamente, ele podia não ter jogado, que foi o que apareceu pelo rosto dele. Mas ele fez porque os amigos estavam fazendo… (Narrando o vídeo Minha vida de João).*

A violência é trazida como endereçamento do que é ser homem para os amigos, que seria machucar, agredir, nesse caso aqui, o gato. Para que os amigos se certifiquem da masculinidade de João frente às suas ações. Finalizando a parte dos comentários do vídeo, foi trazido por um dos estudantes o fato do lápis como a sociedade condicionando suas escolhas sexuais:

> *Henrique:...Aí aparece sobre a questão da sexualidade: ele caiu por cima de um um menino, aí a sociedade que meio que impôs como se tivesse errado colocou ele em cima de uma mulher… [Narrando o vídeo Minha vida de João]*

Para Butler (2015, p. 69), "O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser". Ao perceberem o lápis como uma imposição da sociedade no decorrer do vídeo, foi possível

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

identificar alguns dos participantes relatando a estrutura reguladora e os efeitos dessa repetição da vida do personagem.

Entretanto, apesar de percebermos a partir dos discursos dos adolescentes, as normas de gênero - o instituído muito bem desenhado, no decorrer da roda de conversa foi possível identificar vários trechos nos quais a norma foi posta em xeque pelos próximos participantes. Essa subcategoria nomeamos de rupturas e tensionamentos da Lei e será abordada na seção seguinte.

RUPTURAS E TENSIONAMENTOS COM A LEI

Ao longo das rodas de conversa, foram notadas falas identificadas como uma descontinuidade com as normas sociais do que é esperado ser homem. Daí surge essa subcategoria, entendendo aqui, a ruptura como uma quebra, um rompimento com o instituído a partir da Lei (a regra, prescrita pelo Estado detentor de soberania). Para o Direito a letra "L" maiúscula na grafia da Lei, representa a norma jurídica em seu sentido mais elevado. Ela se configura como a expressão da vontade soberana do Estado, emanada do Poder Legislativo a partir de um processo formal específico. Partindo desse exposto, a quebra da norma esteve presente em vários momentos das rodas, entre elas:

> *Amón: Meu nome é Amón, e o homem... Ele não deve bater numa mulher, na verdade, ele não deveria bater em ninguém, mas a sociedade condena mais, quando ele bate numa mulher.*
> *Baco: Meu nome é Baco, eu acho que o homem não pode querer colocar o corpo da mulher como um objeto.*
> *Augusto: meu nome é Augusto, puxando ali, rsrs eu acho que ele (homem) não deve trair em nenhum caso, nem relacionamento.*
> *Jorge: Falem alto.*
> *Maria Isabel: Quem mais?*
> *João: meu nome é João, e o que não deve fazer é tipo, é ficar com a mulher e espalhar o que os dois fez, é fez não, espalhado etc*
> *Arnaldo: meu nome é Jhon, e o homem não deve infringir as leis*
> *Felipe: meu nome é Felipe, eu acho que um homem tem que respeitar a mulher independente do trabalho que ela faz, qualquer coisa.*
> *Buscapé: meu nome é Buscapé, eu acho que o homem não deve mentir assim, sabe? Ocultar, falar alguma coisa, que não acredita.*
> *Prado: meu nome é Prado, e eu acho que homem não deve fazer piadas que machucam as mulheres.*
> *Baco: meu nome é Baco, eu acho que os homens não devem desrespeitar a opinião dos outros, independente de cor, gênero e tudo mais.*
> *Crazy-Roblox: meu nome é Crazy-Roblox, e o que o homem não deve fazer tipo, ele não querer mandar nas pessoas, muito menos nas mulheres.*
> *Ronaldo: meu nome é Ronaldo, e os homens não devem colocar pressão na mulher, a fazer algo que o homem quer na mulher.*

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Frente a estes discursos, é possível notar uma mudança nas falas dos estudantes, principalmente, no que concerne ao tratamento que os homens devem ter diante das mulheres. Isso é consequência das discussões que nos últimos anos tem se intensificado sobre o lugar da mulher na sociedade, a promulgação de uma Lei específica sobre a violência contra a mulher (Lei nº 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha) e suas reverberações, como a promoção de uma sensibilização sobre a violência de gênero, impulsionadas pelos questionamentos às normas tradicionais de gênero e discursos incorporados sobre a equidade de gênero nas interações cotidianas. Conforme Connell e Pearse (2015), às relações de gênero estão sempre em movimento, à medida que as relações humanas geram diferentes situações e o instituído é tensionado a uma transformação.

Seguindo o pensamento de ruptura da norma, é trazido por Buscapé uma fala sobre os afazeres domésticos e a naturalização da sobrecarga de trabalho da mulher:

> *Buscapé: Eu acho que não necessariamente é isso, tipo, as pessoas estão acostumadas acho que eu vejo, não acho, que eu vejo muito isso, que é tipo, vou dar um exemplo: você tem você, sei lá, dois irmãos, a mãe e o pai. Geralmente quem cuida das coisas domésticas é a mãe, ela tem tipo, que subsidiar fazer esse tipo de coisa, e ninguém questiona isso ou ninguém faz alguma coisa mais. Eu vejo que é muito comum, tipo realmente mais acontece, sendo que as coisas deveriam ser divididas entre todo mundo que mora, tipo: ah, porque eu sou homem, eu não devo fazer coisa, tipo, lavar prato ou passar pano na casa como se a sociedade estivesse nos impondo isso, tipo: ah, eu trabalho você fica em casa, limpando, fazendo as coisas que você deve, tipo, é seu dever fazer isso.*

Neste discurso, podemos identificar uma reflexão acerca da importância da divisão de tarefas em casa por todos os membros da família, independente de uma norma de gênero que elucida que o homem não deve participar da dinâmica de organização da casa. Conforme a fala de Paulo:

> *Paulo.:como falar sobre a sociedade querendo moldar ele desde pequeno - a parte com a o pai e a mãe. O pai basicamente desocupado da vida e a mãe tendo que cuidar da casa, da cozinha e dele ao mesmo tempo (Narrando o vídeo Minha vida de João).*

Connell e Pearse (2015, p 165) abordam no quinto capítulo desse estudo as relações de gênero e a política de gênero - nesse são explicitadas as quatro dimensões da configuração das relações de gênero: Poder; Produção; Catexia e Simbolismo. No que concerne à produção, mote da questão aqui, é dita como o primeiro aspecto dos estudos de gênero a ser reconhecido na literatura. Para as autoras “a divisão sexual do trabalho” ao longo da história, é por vezes,

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

comum, pois “a mesma tarefa pode ser “trabalho de mulher” em um contexto e “trabalho de homem” em outro”.

Neste mesmo estudo é discutido como a divisão de gênero em diferentes empregos com a chegada do capitalismo - que se organiza em duas esferas: a primeira do trabalho remunerado com a produção e lucratividade do mercado de trabalho, e a outra que é nomeado de “casa” como o trabalho não remunerado. Um exemplo claro disso, é a conversa entre Eric e Henrique a respeito da técnica, sobre expectativa (do que se espera de um homem perante a sociedade) e a realidade (o que é possível de um homem ser no social):

> *Eric: Na expectativa de o homem varrer a casa.*
> *Henrique: Não pô, mas a expectativa é aquela que espera da sociedade inteira, entende?*
> *Eric: Então, a expectativa é ele tá ali em casa cuidando, mas na realidade ele tava de fora de casa bebendo.*
> *Buscapé: A expectativa que o homem cuide do filho, mas a realidade óhh tudo é a mulher.*

Diante disso, “toda a esfera econômica é culturalmente definida como um universo dos homens (apesar da presença das mulheres ali), enquanto a vida doméstica é definida como um universo das mulheres (apesar da presença dos homens ali) (Connell; Pearse, 2015, p. 165). A justificativa dessa diferenciação do lugar do trabalho é por vezes associada à natureza da experiência dos homens e das mulheres, uma vez que o trabalho econômico tem como intuito a rentabilidade, logo, a atividade não-remunerada como é o trabalho em casa tem como “lucro” a realização por amor e os cuidados com a família, posições que aguçam as divisões de gênero na sociedade.

Retomando a questão central que leva o nome desta subcategoria, é apresentado em uma das falas de Amón sobre como se dá a relação dele com sua mãe, no que diz respeito aos papéis de gênero e as nuances do que um homem pode ou não fazer:

> *Maria Isabel: vocês já pensaram sobre isso que foi falado? O que que vocês acham do que foi falado aqui?*
> *Amón: Bom, eu já pensei só que assim faz bastante tempo. É como se fossem, digamos assim, regras que você aprende para viver em sociedade que você aprende desde o começo, então assim, normalmente lá pra sua infância, você já vai meio que aprendendo isso. Aí algumas partes, tipo, que o homem não deve usar maquiagem é mais algo construído pela sociedade numa forma que, vamos dizer, assim num preconceitozinho. Mas tipo, você pode ou continuar com isso ou tirar isso. Mas normalmente, isso já vai aparecer logo na infância.*

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

E noutro momento quando é questionado sobre o lugar que essas normas ocupam na sua vida:

> *Jorge: Quem mais? Vocês conseguem ver alguma associação sobre a questão da sexualidade com a vida de vocês? O que a sociedade exige de nós, tanto homens quanto adolescentes? Quanto meninos? O que é que a sociedade quer que sejamos em relação à nossa sexualidade?*
> *Amón: Assim, eu consigo ver mas não veio de casa. Porque eu fui criado pela minha mãe sozinha, e tipo assim, ela sempre foi bem de boa e sempre trouxe esses tópicos quando eu era mais novo. Assim, nunca tive esse problema, por exemplo, a parte da maquiagem eu nunca me maquiei, mas por exemplo, a minha mãe deixava pintar minha mãe com base, só para tipo passar o tempo. Então, assim não sei eu acho que dentro, tipo, eu não vejo a influência, mas é da parte de fora, e aí às vezes, você tipo assim, cai e segue por esse caminho por influência ou você só ignora. Eu consigo ver, mas não se teve foi muito pouco dentro de casa.*

Com esses relatos, é possível identificar um rompimento com a norma na dinâmica de vida de Amón com sua mãe. A relação estabelecida com atividades ditas como femininas para uma criança do sexo masculino pode ser, por vezes, questionada pelos papéis de gênero preexistentes pela sociedade. O que Amón tensiona é justamente a possibilidade de viver sua masculinidade mesmo tendo uma criação que o permitia brincar com objetos considerados de meninas.

Segundo Cardoso (2023), a masculinidade é a estrutura de uma prática que se relaciona à posição dos homens na organização das relações de gênero e, como tal, baseia-se em uma narrativa tradicional. Essa narrativa é formada por elementos culturais, que incorporam definições de comportamento e sentimentos considerados adequados para os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou os sentidos sobre masculinidades que circulam entre jovens estudantes do sexo masculino em uma escola pública estadual do agreste pernambucano, ademais, pretendeu-se mapear, em seus discursos, quais os sentidos (co)produzidos sobre masculinidades a partir das conversas com os jovens; e analisar os diferentes repertórios linguísticos sobre masculinidades a partir das vivências dos estudantes. Uma pesquisa qualitativa, fundamentada no construcionismo social, permitiu explorar as singularidades das narrativas e dos sentidos atribuídos às masculinidades no contexto escolar. Os resultados apontam uma complexa teia de significados e práticas discursivas que permitiram a (co)construção das masculinidades entre os jovens participantes. Foram identificadas três principais subcategorias de análise: processos de subjetivação, efeitos da norma, e rupturas e

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

tensionamentos com a lei.

Nos processos de subjetivação, são observados como os adolescentes negociam suas identidades masculinas em relação às expectativas sociais e culturais. As falas dos participantes evidenciaram uma consciência crescente sobre os papéis de gênero atribuídos e uma reflexão crítica sobre essas atribuições. Os efeitos da norma se manifestaram na (re)produção de discursos hegemônicos sobre masculinidades, como a associação entre masculinidades e violência ou a divisão tradicional de tarefas domésticas. Contudo, também foram observados questionamentos a essas normas, indicando um processo de transformação nas falas dos jovens.

As rupturas e tensionamentos com a lei emergiram como momentos significativos de resistência às normas de gênero. Os participantes têm capacidade de questionar padrões tradicionais das masculinidades, propondo visões mais equitativas e respeitosas nas relações de gênero. É importante ressaltar que o contexto específico do agreste pernambucano influencia significativamente essas construções de sentido. A interiorização da pesquisa permitiu identificar nuances culturais e sociais próprias da região, o que contribui para uma compreensão mais situada das masculinidades.

Os resultados apontam para a necessidade de políticas educacionais e práticas pedagógicas que promovam discussões sobre gênero e masculinidades nas escolas. Essas iniciativas podem contribuir para desconstruir estereótipos contraditórios e fomentar relações mais igualitárias entre as relações de gênero. Em suma, os sentidos sobre masculinidades entre os estudantes-participantes estão em constante negociação e transformação. Embora persistam elementos de uma masculinidade hegemônica, também emergem novas formas de pensar e vivenciar o ser homem, mais alinhadas com ideais de igualdade e respeito. Este estudo contribui para o campo dos estudos de gênero e masculinidades, oferecendo *insights* valiosos sobre como os jovens do interior de Pernambuco estão (re)pensando suas masculinidades. Recomenda-se que futuras pesquisas explorem longitudinalmente essas transformações, bem como investiguem como essas mudanças nos sentidos sobre masculinidades se traduzem em práticas cotidianas no ambiente escolar e além dele.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Neiza Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia Mincoff. Conversas no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. **A produção de informação na pesquisa social:** compartilhando ferramentas, p. 97-122, 2014.

BUTLER, Judith. Corpos que importam/Bodies that matter. **Sapere Aude**, v. 6, n. 11, p. 12-16, 2015.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Civilização Brasileira, 2022.

BRASIL. **Lei n. 4.432, de 13 de dezembro de 2017.** Veda-se a adoção da ideologia de gênero nas práticas pedagógicas, no cotidiano das escolas da Rede Municipal de Ensino do Município de Garanhuns. Disponível em: http://www.extremehost.uni5.net/transparenciaMunicipal/download/34-20190212l6238.pdf. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 27 fev. 2024.

BRASILINO, Jullyane Chagas Barboza; GUEIROS, Jorge Edielson Costa. Masculinidades e saúde: narrativas (co)construídas por jovens de uma escola pública do Agreste pernambucano. **Aracê,** [S. l.], v. 4, p. 14924–14940, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-229. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2206. Acesso em: 4 abr. 2025.

BRIGAGÃO, Jaqueline Isaac M. *et al.* Como fazemos para trabalhar com a dialogia: a pesquisa com grupos. **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas**, v. 1, p. 73-96, 2014.

CARDOSO, Jamille Kássia da Silva. **Produção de sentidos sobre masculinidades e saúde entre profissionais em saúde mental, no sertão de Pernambuco.** 2023. 122 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

CASSIANO, Marcella; FURLAN, Reinaldo. O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 373-378, 2013.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica. **Revista Estudos Feministas, v**. 21, n. 1, p. 241, 2013.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero:** uma perspectiva global: compreendendo o gênero – da esfera pessoal à política – no mundo contemporâneo. São Paulo: nVersos, 2015.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. [S. l.], 2008.

MEDRADO, Benedito; SPINK, Mary Jane Paris; MÉLLO, Ricardo Pimentel. **Diários como atuantes em nossas pesquisas:** narrativas ficcionais implicadas. [S. l.], 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes 2001.

NOVOA, Patricia Correia Rodrigues. O que muda na ética em pesquisa no Brasil: Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. **Einstein (São Paulo)**, v. 12, p. vii-vix, 2014.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

PARPINELLI, Roberta Stubs; FERNANDES, Saulo Luders. Subjetivação e psicologia social: dualidades em questão. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, p. 191-204, 2011.

RASERA, Emerson Fernando. Construcionismo social e trabalho comunitário: conflito, diálogo e participação. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** São Paulo: Cortez, 2010.

SPINK, Mary Jane Paris; FIGUEIREDO, Patrícia; BRASILINO, Jullyane (orgs.). **Psicologia social e pessoalidade** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano:** aproximações teóricas e metodológicas. Cortez, 2013.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, p. 70-77, 2008.

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional